

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

**ITINERÁRIOS EDUCATIVOS: O ESTADO DA ARTE DAS PRODUÇÕES
ACADÊMICAS SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PANDEMIA DA COVID-19**

LUANA SOUZA CHAVANTE

NATAL/RN
2021

LUANA SOUZA CHAVANTE

**ITINERÁRIOS EDUCATIVOS: O ESTADO DA ARTE DAS PRODUÇÕES
ACADÊMICAS SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido à
Coordenação do Curso de Pedagogia pela
Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, como requisito parcial para a obtenção
do título de Graduada em Pedagogia.

Orientador(a): Dr^a Andrea Penteadó de
Menezes

NATAL/RN

2021

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE

Chavante, Luana Souza.

Itinerários educativos: o estado da arte das produções acadêmicas sobre educação escolar na pandemia da COVID-19 / Luana Souza Chavante. - Natal, 2021.

47 f.: il.

TCC (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Penteado de Menezes.

1. Educação escolar - TCC. 2. Pandemia - TCC. 3. Publicações - TCC. 4. Discussões - TCC. 5. Ensino remoto - TCC. I. Menezes, Andrea Penteado de. II. Título.

RN/UF/BS/CE

CDU 37.018.43

Elaborado por Rita de Cássia Pereira de Araújo - CRB-804/15

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

**ITINERÁRIOS EDUCATIVOS: O ESTADO DA ARTE DAS PRODUÇÕES
ACADÊMICAS SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PANDEMIA DA COVID-19**

Monografia apresentada e aprovada em ___/___/___ pela Banca Examinadora e composta
pelos seguintes membros:

Andrea Penteado de Menezes
Orientadora

Marisa Narcizo Sampaio
Examinadora

Vândiner Ribeiro
Examinadora

NATAL/RN
2021

Dedico este trabalho à minha mãe, o meu porto seguro, e ao meu amor que sempre encorajou-me a concluir esse curso e buscar o melhor pra mim.

AGRADECIMENTOS

Eu não teria chegado até aqui sem a minha fé em Deus.

Eu não teria chegado até aqui sem os percalços que enfrentei na minha caminhada na UFRN e na vida. As dificuldades fizeram-me mais forte.

Eu não teria chegado até aqui sem o apoio e sem escutar as verdades ditas pela minha mãe.

Eu não teria chegado até aqui sem a força e o amor que Rodolfo me oferece sempre.

Eu não teria chegado até aqui sem a minha formação em Administração pela UFRN, que possibilita conciliá-la com a Pedagogia nas práticas educativas.

Eu não teria chegado até aqui sem o apoio e as inúmeras contribuições da minha orientadora prof^a Andrea Penteadó, iluminando meu pensamento e minha escrita a todo instante.

Eu não teria chegado até aqui sem as desconstruções e reconstruções do meu eu, resultantes dos ensinamentos da prof^a Vândiner.

Eu não teria chegado até aqui sem ter vivido a experiência de ser secretária escolar, por mais de 4 anos, na Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, em Nova Parnamirim. Sou grata à toda a família Brigadeiro, eternamente.

Eu não teria chegado até aqui sem todos que passaram pelo meu caminho.

Se eu pudesse refazer minha jornada, acredito que não mudaria nada.

Eu sou uma pessoa melhor hoje pelo que vivi.

*Porque ninguém é muito bom em muitas coisas
e a exibição produz um ídolo de pés de barro
e pode fazer ruir a imagem que a empáfia pretende.*

Leandro Karnal

RESUMO

O fechamento das escolas públicas e privadas para atividades presenciais, decorrente das medidas de isolamento para o combate a pandemia da COVID-19, ganhou destaque a partir da implementação da solução temporária para continuidade do processo de escolarização: o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Nesse cenário atípico, o presente trabalho pretende investigar como está sendo pensada a educação escolar, com foco na área de atuação do(a) pedagogo(a) no nível da educação básica. Para prosseguir com a pesquisa, foram levantadas as publicações acadêmicas nas plataformas CAPES e SCIELO, no período de 1º de março de 2020 a 09 de fevereiro de 2021, excluindo artigos sobre ensino médio, educação profissionalizante e sobre outras áreas como as ciências da saúde. Foram encontrados 27 artigos acadêmicos que são discutidos neste estudo, por meio de breve sinopse, repertório teórico utilizado, contribuições, encaminhamentos e comentários. A respeito da fundamentação teórica, alguns autores e obras aparecem de maneira recorrente em diversas publicações. Por fim, conclui-se que os resultados apontam para discussões que percorrem, com ênfase, os assuntos currículo, filosofia, formação docente e pedagogia crítica e humanista.

Palavras-chave: Educação escolar. Pandemia. Publicações. Discussões. Ensino remoto.

ABSTRACT

The closure of public and private schools for face-to-face activities, due to the isolation measures to combat the pandemic of COVID-19, gained prominence from the implementation of the temporary solution to continue the schooling process: Emergency Remote Education (ERE). In this atypical scenario, the present work intends to investigate how school education is being thought, focusing on the area of performance of the pedagogue at the level of basic education. To continue with the research, academic publications on the CAPES and SCIELO platforms were surveyed, from March 1, 2020 to February 9, 2021, excluding articles on high school, professional education and on other areas such as health sciences. 27 academic articles were found that are discussed in this study, through a brief synopsis, theoretical repertoire used, contributions, referrals and comments. Regarding the theoretical foundation, some authors and works appear in a recurring manner in several publications. Finally, it is concluded that the results point to discussions that cover, with emphasis, the subjects curriculum, philosophy, teacher training and critical and humanistic pedagogy.

Keywords: Schooling. Pandemic. Publications. Discussions. Remote teaching.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11
2. A JORNADA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PANDEMIA DA COVID-19	13
3. CONCLUSÕES	41
4. REFERÊNCIAS	44

1.INTRODUÇÃO

No presente trabalho, buscamos analisar as produções acadêmicas sobre a seguinte inquietação: como a educação escolar está sendo pensada diante do movimento de restrição ao acesso físico às escolas em todo o país, decorrente da pandemia do coronavírus que aflige a humanidade? Essa restrição provocou a substituição das atividades presenciais pelo ensino remoto emergencial, como alternativa temporária para a continuidade do processo de escolarização.

Nosso recorte aponta para o campo da pedagogia dentro do ambiente escolar, na sala de aula, sendo utilizado, dessa forma, como um dos filtros para a revisão bibliográfica. Baseado nisso, as produções sobre educação infantil e ensino fundamental I fazem parte da área de concentração deste trabalho. Dessa forma, produções que dizem respeito ao ensino fundamental II, ensino médio normal ou profissionalizante, educação prisional e qualquer outro nível de ensino, não estão contempladas no objetivo do estudo.

A princípio, a intencionalidade foi buscar as produções acadêmicas produzidas no nordeste brasileiro, a fim de compreender como o ensino está sendo pensado no cenário da pandemia. Porém, devido à pouca produção encontrada que fosse assinada por autores nordestinos, ampliamos o recorte de nossa busca para nível nacional.

Segundo a Portaria nº 20.809, que lista os setores da economia mais impactados pela pandemia, a educação privada está entre os setores atingidos economicamente (BRASIL, 2020). Com a suspensão das aulas presenciais, retirando o acesso presencial de crianças, jovens e adultos ao processo educativo, o ensino remoto emergencial foi a principal estratégia escolhida para tentar retornar à normalidade e tentar reduzir o impacto no desenvolvimento e formação dos sujeitos aprendizes.

Nessa linha, muitas práticas precisaram ser revistas, principalmente metodológicas, para que o acesso ao conteúdo pudesse ser realizado por meio de outras ferramentas pedagógicas que utilizassem as novas tecnologias da informação e comunicação, substituindo o formato de ensino estritamente presencial. Paralelamente à nova realidade imposta, devido à falta de acesso à internet por parte dos alunos de escolas públicas, muitas escolas permanecem também utilizando-se do livro didático e de atividades e/ou apostilas impressas: o livro por já estar com o educando em seu lar e as impressões com o objetivo de complementar o ensino com exercícios sobre conteúdos abordados nos livros; conteúdo novo também pode ser apresentado em formato de apostila.

É nesse contexto tão atípico que este trabalho se apresenta ao tentar desvendar o pensamento pedagógico que se forma, ou não, no espaço escolar, durante a pandemia. Pensando em reunir as produções acadêmicas resultantes da revisão das práticas pedagógicas que não mais cabiam na nova realidade de ensino remoto emergencial e na formulação de novas práticas possíveis diante dessa realidade, nas discussões realizadas entre os pares, nas pesquisas realizadas na escola, nas narrativas de diversos professores em lives, congressos e eventos que tornaram-se produções acadêmicas sobre a educação escolar, escolhemos duas plataformas bastante utilizadas no meio acadêmico do Centro de Educação, da UFRN: o portal de periódicos da Capes, do Ministério da Educação, e a Biblioteca Eletrônica Científica Online - Scielo. Utilizando-nos das palavras-chaves educação+escolar+pandemia e educação+pandemia e do refinamento do período de interesse de 1º de março de 2020 à 09 de fevereiro de 2021, foi realizado o mapeamento e a análise de diversas produções acadêmicas no país.

Os resultados encontrados foram produções em diversas áreas do conhecimento, principalmente, em educação em saúde. Considerando o recorte do campo de trabalho da pedagogia no espaço escolar, foram excluídas aquelas produções que tratavam sobre ensino médio profissionalizante, ou não, e ensino fundamental II. A partir da revisão bibliográfica do estado da arte em que se encontra a discussão hoje, acerca da educação escolar, em um contexto de pandemia do novo coronavírus, apuramos um total de 27 produções acadêmicas.

As contribuições e encaminhamentos neste trabalho não se esgotam por aqui. Ao contrário, o estado da arte apresentado aqui é fim e meio, a partir do momento que torna-se fruto de e mais uma fonte para pesquisas posteriores sem a necessidade de começarmos do zero, bem como de outras inquietações que venham a surgir a partir deste, de forma que não tenta exaurir todo o estudo sobre educação escolar no período da pandemia do Sars cov-2, causador da COVID-19, e assim colaborar com outros pesquisadores acerca do que já foi produzido até o momento e que sirva para novas práticas pedagógicas.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: a primeira seção apresenta os 27 artigos acadêmicos, por meio de sinopse, referenciais mais utilizados e comentários sobre a contribuição do estudo, além de categorizá-los a fim de descobrir quais assuntos destacaram-se sobre educação escolar na pandemia da COVID-19; por último, as considerações finais que apontam para características convergentes entre as publicações.

2. A JORNADA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA PANDEMIA DA COVID-19

Considerando as circunstâncias adversas impostas pela pandemia do novo coronavírus, com a suspensão das aulas presenciais nas redes públicas e privadas do país e a adoção do Ensino Remoto Emergencial (ERE), uma nova condição material de trabalho foi apresentada aos professores. O ERE é uma solução temporária utilizada para evitar a contaminação e tentar minimizar os possíveis impactos na aprendizagem dos educandos, principalmente aqueles que podem ser avaliados como de maior risco por questões sociais, econômicas, étnicas e políticas.

Essa nova vivência educacional suscitou mudanças nas práticas pedagógicas, com o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação, e questionamentos sobre a efetividade das propostas vigentes no novo cenário. Dessa forma, na tentativa de revelar se já existem resultados e avaliações sobre essas mudanças, procedeu-se à presente investigação sobre o que tem sido publicado, nas plataformas Capes e Scielo, a esse respeito.

O período delimitado para a presente investigação data de 01 de março de 2020, marco inicial da pandemia do novo coronavírus no Brasil, até o dia 09 de fevereiro de 2021, quando esta busca de publicações começou. Utilizando-se as palavras chaves educação+escolar+pandemia e educação+pandemia, os resultados encontrados correspondiam aos temas sobre educação básica e educação superior, principalmente, educação em saúde, educação escolar e as diversas licenciaturas e educação física.

Mediante esses resultados e buscando atingir o objetivo desta investigação, procedeu-se a novo recorte, excluindo da pesquisa as áreas que não apresentavam correspondência com a educação no espaço escolar, formação e práticas da pedagogia. Ressaltamos o quantitativo de produções que encontramos sobre ensino médio (06), educação profissional (04) e educação prisional (01). Na mesma linha do presente levantamento, foram encontradas 27 produções acadêmicas.

A apresentação que se segue é uma breve sinopse de cada artigo, dos seus encaminhamentos e sugestões, destacamos alguns referenciais teóricos utilizados que se sobressaem, excetuando-se a legislação pertinente, assinalando suas singularidades para a literatura acadêmica. A fim de facilitar a compreensão e a apresentação, os artigos foram categorizados conforme a ênfase em determinados temas, discriminados a seguir: Educação a Distância no Brasil (01); educação infantil (03); pessoa com deficiência e necessidades complexas de comunicação (04); a implementação do Ensino Remoto Emergencial (04); práticas pedagógicas e formação docente (09); o ensino de matemática (01); currículo e

conteúdo (03); gestão da educação (01); a crise do capitalismo e a crise da educação nacional (01).

Para iniciar a apresentação dos artigos acadêmicos, elencamos o único do grupo **Educação a Distância no Brasil** que, no seu objetivo principal, aborda também a diferença entre Ensino Remoto Emergencial e Educação a Distância. **Educação a distância e Universidade Aberta do Brasil: reflexões e possibilidades para o futuro pós-pandemia**, escrito por Marcos Rogério Martins Costa e Jonilto Costa Sousa, publicado na revista THEMA, apresenta uma discussão sobre a EAD no Brasil, especificamente, sobre a experiência da UAB, sua história, marcos regulatórios, financiamento e profissionais envolvidos. Os autores usam concepções sobre educação a distância, de Moran, tecnologias digitais de comunicação e informação, de Filatro, nativo digital, de Prensky.

Os autores, considerando o cenário de pandemia e pensando na sua aplicabilidade, ressaltam que mesmo que com resultados positivos, a modalidade EAD no Brasil só funcionará com adaptações, mais recursos tecnológicos e financiamento, bem como contribuições efetivas para novos modelos de aprendizagem, os quais devem distinguir as noções de EaD e ensino remoto emergencial. Apontam ainda que a educação brasileira deve se preparar para cenários de crise como esse, desde o acesso à tecnologias até o compromisso com a formação de excelência dos docentes.

O artigo, como os autores mesmo sinalizaram nas considerações finais, atingiu o objetivo a que se propunha ao realizar uma análise descritiva sobre a vivência da Universidade Aberta do Brasil. A publicação, apesar do caráter descritivo delimitado no artigo, tem significativa contribuição para o campo da pedagogia ao discorrer sobre a UAB e o seu foco inicial na formação continuada de professores da educação básica. O artigo não propõe exaurir os estudos, pelo contrário, inspira novas problematizações sobre a educação a distância, no pós-pandemia, diferenciando-a do Ensino Remoto Emergencial adotado pelas escolas públicas e privadas no país.

Nas categorias **a crise do capitalismo e a crise da educação nacional** temos apenas um artigo acadêmico encontrado, publicado na revista Exitus: **Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavírus e educação - o desmonte da educação nacional**, por Demerval Saviani.

O artigo é o resultado das discussões que aconteceram no Ciclo de Debates promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR), em junho de 2020, de forma remota, e sobre outras participações em outras participações em “lives” que foram realizadas também no cenário da pandemia. Discorre

sobre a crise estrutural do capitalismo e os impactos no funcionamento das escolas, sobre o neoliberalismo e a subordinação da educação aos desígnios do mercado, por último apresenta a perspectiva da escola unitária como forma de superar o desmonte da educação nacional.

Saviani referencia suas próprias produções para abordar as crises econômicas e o capitalismo e a escola unitária. Também utiliza-se de Gramsci para discorrer sobre o trabalho como princípio educativo, a escola média de formação geral, a função da extensão universitária e o objetivo da educação.

O autor conclui que o trabalho foi, é e continuará sendo o princípio educativo do sistema de ensino em seu conjunto. E é necessário que educadores se articulem com os sindicatos de trabalhadores de todas as categorias profissionais e aos movimentos sociais populares na luta por uma nova sociedade livre e emancipada. Ademais, para resistir ao desmonte da educação nacional, Saviani afirma que é preciso que a população se organize e se mobilize para reconstruir a democracia por meio do desenvolvimento da consciência social proletária.

Como observamos, Demerval Saviani, no artigo acima citado, aconselha que não só os educadores, mas a população como um todo, rompa com o status quo da política e da educação, no que tange a formação da consciência proletária. Suas considerações são contribuições significativas não só para o campo da educação, mas para a humanidade, a partir do momento que instiga questionamentos sobre as relações entre educação, mercado, pesquisa, política e cultura.

No grupo **implementação do Ensino Remoto Emergencial**, quatro artigos foram publicados: **A atualidade de Paulo Freire em tempos de pandemia: tecendo diálogos sobre os desafios da educação e do fazer docente**, **Implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do Estado de Minas Gerais**, **História da educação e COVID-19** e **Um sentido para a experiência escolar em tempos de pandemia**.

Publicado na revista *Práxis Educativa*, **A atualidade de Paulo Freire em tempos de pandemia: tecendo diálogos sobre os desafios da educação e do fazer docente**, de autoria de Mairce Da Silva Araujo, Daniel Pereira de Oliveira, Regina Aparecida Correia Trindade e Geisi Dos Santos Nicolau, une a celebração do centenário de Paulo Freire à dimensão política e formativa do ato de educar no cenário educacional brasileiro de ensino remoto, problematizando-os. Os autores articulam também o referencial de Paulo Freire sobre as experiências vividas no Centro Municipal de Referência de EJA (CREJA), ao fazer docente e as lives realizadas.

Como fundamentação trazem concepções sobre a concentração de riqueza e a extrema desigualdade social e a pedagogia do vírus, de Santos; o papel da escola e dos educadores progressistas, a separação do ato de educar de uma concepção política de ser humano, de sociedade, sobre educabilidade humana, situações-limite, inédito-viável, sobre se fazer e refazer no sentido histórico, de Freire; a pedagogia da esperança, de Araújo e Tavares; os seres humanos inacabados que somos, de Trombeta; a atuação docente na pandemia e plantão pedagógico de 24 horas, de Carneiro; a educação a distância e atividades remotas, de Araújo; Marchon; Serpa e Freitas; a exploração do professor e o trabalho remoto, de Frigotto.

Os autores concluem sobre a importância do legado de Paulo Freire não só para a educação, mas também para a existência humana, ainda mais nesse tempo de transformações e incertezas no cenário atual. Consideram também que os conceitos-chaves sobre educação como ato político, a crítica à educação bancária e o inédito-viável são fundamentais para a compreensão do momento vigente.

Interessante ressaltar o caráter inconclusivo nas considerações finais do artigo ao indicar que o estudo sobre a temática se esgota na publicação, pelo contrário provoca novas problematizações, novas conclusões, novas considerações sobre o repensar da educação, desfrutando das contribuições de Paulo Freire para a educação e o pós-pandemia.

O artigo **Implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do Estado de Minas Gerais**, publicado na Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (RIAEE), escrito por Breyner Ricardo de Oliveira, Ana Cristina Prado de Oliveira, Gláucia Maria dos Santos Jorge e Jianne Ines Fialho Coelho aborda a implementação da educação remota na Rede Estadual de Minas Gerais, por meio do “Regime de Estudo não Presencial” (REANP) no cenário de pandemia. Duas dimensões, interligadas, são alvos de discussão: as dificuldades de se implementar um programa emergencial que vincula distintos atores, territórios, sujeitos e tecnologias, em uma perspectiva multinível e o aumento da desigualdade educacional no estado, agravada pela pandemia e pela dinâmica da implementação do programa.

A fundamentação teórica abordada pelos autores baseia-se nos estudos de Souza, Oliveira e Madeira et al. sobre políticas públicas; Oliveira sobre a implementação das políticas educacionais; Pires sobre os efeitos das políticas educacionais; Oliveira e Paes de Carvalho sobre a política educacional de correção de fluxo no RJ; Pereira e Silva sobre a relação entre a SEE e os professores; Lévy e Oliveira e Daroit sobre a escola; Martin e Ritzhaupt sobre objetos de aprendizagem; Kampen sobre a relação família e escola no ensino remoto.

Os autores fazem várias ressalvas, uma bastante significativa, no cenário pandêmico atual, é sobre o risco elevado de se culpabilizar e responsabilizar os professores. Explicam que os profissionais da educação também são sujeitos da crise. Sobre o programa, a conclusão é que a Secretaria precisa aprender e avançar na produção de conteúdo, gestão e integração de plataformas virtuais, de comunicação institucional e de suporte a todos os atores envolvidos. Sobre o planejamento visual, à edição, às imagens e recursos gráficos, a Secretaria enfrenta desafios uma vez que a imensa maioria não tem intimidade com videoaulas. Sobre grupos de alunos da educação especial, quilombola, indígena e da educação de jovens e adultos, não foram encontradas ações ou estratégias. Concluem que o uso das tecnologias é uma fragilidade institucional e não isolada do professor. Por último, a educação pública remota vincula e potencializa questões sociais, culturais e econômicas que estão associadas com um profundo histórico de exclusão e pobreza.

Assim, o artigo traz uma proposta de avaliar, de maneira fundamentada, a implementação do ensino remoto na rede pública estadual de Minas Gerais, permitindo vislumbrar acertos, melhorias futuras na própria rede e/ou em outras unidades escolares, durante o cenário de pandemia.

História da educação e COVID-19, escrito por Tony Honorato e Ana Clara Bortoleto Nery, publicado na revista *Acta Scientiarum. Education*, é uma entrevista com pesquisadores reconhecidos africanos, americanos e europeus. A entrevista tem o objetivo de elucidar quais conhecimentos ou dispositivos que decorrem da história da educação contribuem para a compreensão ou dimensionamento dos impactos da COVID-19 na educação escolar. A publicação está estruturada em cinco eixos: suspensão e declínio do modelo escolar; territorialidade e direito à educação; lugares, espaços, tempos e materiais de culturas escolares; saúde e sensibilidade divergentes na educação; e desescolarização, velhas inovações e tempo presente entre imposições e resistências.

Os entrevistados apontam referenciais teóricos sobre processos de escolarização de Casey, Kentor no que se refere às aulas online; Lepore sobre um programa educacional transmitido por televisão; Murphy, Reich, sobre ensino em casa; Hardy, sobre a epidemia de gripe em 1918 e o seu aprendizado sendo refletidos na pandemia do novo coronavírus; Howard Phillips, sobre o impacto da pandemia na escolaridade e nas crianças; Trend, Ravitch, Watson e Murín sobre o aprendizado online ou a escola virtual; Barnard-Brak e Sulak, Fernandez, Ferdig, Thompson, Schottke e Black sobre o valor da aprendizagem a distância; Tarrant e Thiele, Molnar, et al., Hornbeck, Abowitz, & Saultz, Mann, sobre as discussões sobre pedagogia vinculadas a debates sobre política; Davis, sobre compreender

emoções, gestos, conversas que definem o tempo de interesse e o que o engloba; Silva e Souza, sobre exposições universais e museus pedagógicos; Edward Thompson (1998) sobre os efeitos da escolarização das massas pobres inglesas; Illich, sobre o plano de escolarização para uma sociedade desescolarizada e o papel da escola; Le Cam, sobre o distanciamento para observar o passado e retornar ao presente; Rousso, sobre espaço de experiência.

A publicação propõe apresentar visões e análises dos pesquisadores, uma proposta interessante, considerando inclusive tratar-se de continentes distintos no campo econômico, político, social, cultural e étnico. Porém, não apresenta fechamentos, considerações finais dos escritores sobre os apontamentos realizados a critério nacional ou internacional, sem querer exaurir o assunto. Dessa forma, seu caráter se restringe a uma transcrição das entrevistas e categorização das respostas conforme entendimento dos autores, o que não diminui, de fato, suas contribuições para o campo da educação escolar.

Publicado na revista Educação e Realidade, **Um sentido para a experiência escolar em tempos de pandemia**, de José Sérgio Fonseca de Carvalho apresenta uma análise sobre a crise na educação brasileira que se tornou mais evidente com a pandemia. O autor lança questões sobre pensar o presente e refletir sobre as experiências mais recentes, pensar responsabilidades, pensar recursos. Convida o leitor a refletir sobre a situação presente a partir da narrativa de uma adolescente sobre como sua escola tem lidado com a pandemia e suas implicações educacionais.

O artigo se constrói com uma fundamentação teórica baseada em concepções como as de Arendt, sobre pensamento político, significado das experiências, compreender os fenômenos políticos; Lahire, sobre a dissolução da forma escolar; Fabre, sobre a esperança da modernidade; Ricoeur, sobre a prática da narrativa, configuração de uma trama narrativa e inteligência narrativa; Larrosa, sobre o sentido ou não das coisas; Koselleck, sobre habitar o presente; Hartog, sobre presentismo; Blais, Gauchet e Ottavi, sobre pedagogia cartesiana.

O autor conclui que a razão de ser da escola é proporcionar a faculdade de "habitar outros mundos" (CARVALHO, 2020, p.11), em outros tempos e espaços. Aponta também que é mais proveitoso fazer os alunos pensarem sobre como as pessoas, no passado, "reconfiguraram simbolicamente suas experiências em uma situação análoga" (CARVALHO, 2020, p. 10). Sinaliza ainda que os princípios expressos no artigo podem ser objeto de novos estudos para além do processo de escolarização.

Essa análise ímpar, que parte da narrativa da adolescente sobre o ensino remoto em sua escola, permite conhecer o ponto de vista dos educandos, suas opiniões, seus olhares,

suas perspectivas. Esse conhecimento, mediado pelo professor e paralelamente interpretado à luz de pesquisas na área, torna-se porta de entrada para novas práticas pedagógicas.

No grupo **currículo e conteúdo**, os artigos encontrados foram: **Parar pandêmico: educação e vida**, **Letramentos a distância na (e na pós) pandemia** e **Mais uma lição: sindemia covídica e educação**.

Parar pandêmico: educação e vida é uma publicação da revista *Práxis Educativa*, de autoria de Paola Zordan e Verônica Domingues Almeida, que discute, em um cenário de pandemia, o papel do Estado, o paradigma linguístico nos currículos e o conteudismo. Informam ainda que devem ser combatidas a escolarização para o futuro e a produtividade conteudista. Para isso, as autoras observam vários eventos, fóruns, conversas em aplicativos e assim tentam construir um pensamento sobre a educação em comum entre a universidade pública do nordeste e do sul. E o principal questionamento das autoras é sobre de que modo a atividade educacional é concebida em seu vínculo com a vida.

Para essa discussão, as autoras compõem seu referencial teórico a partir de diversas concepções, inclusive também trazendo a de Hanna Arendt e seu conceito sobre *homo faber* e sobre a doença do conteudismo, e acrescentando outros autores, como o próprio Byung-Chul Han, professor de filosofia e estudos sociais, sobre o sujeito de desempenho e sobre o sujeito que concorre consigo mesmo; Zordan e Silva, sobre um contexto velocizado; Vasconcelos e Boto, sobre a lógica excludente da escolarização; Barbosa, sobre homeschooling; Guedes, Teixeira e Brandão, Almeida et al., Bonilla e Pretto, sobre as denúncias de exclusão social, via tecnologias digitais; Foucault, sobre a exclusão dos universitários da vida real; Morin, sobre cabeça bem-feita e cabeça bem cheia; Agamben, sobre o estado de exceção no COVID-19; Larrosa, sobre particular humanidade de um indivíduo; Deleuze e Guattari, sobre o homem e seu significado no coletivo; Hjelmslev, Jaeger, sobre códigos; Manrique, sobre as questões biopolíticas na pandemia; Almeida, sobre o amor para a compreensão dos seres humanos.

Zordan e Almeida confrontam o posicionamento de uma educação para o futuro. Por conseguinte, apontam sobre a necessidade de uma educação para o presente, “na própria vida-vivente”. Nessa linha, as autoras reivindicam paragens em devir, para que as instituições educativas e os profissionais da educação busquem, nas experiências cotidianas, processos formativos. Segundo as autoras, as paragens são necessárias para questionar os caminhos tomados pela educação, principalmente, nesse cenário de pandemia, e inventar novas práticas pedagógicas que favoreçam uma formação humana “que viva uma ética amorosa com o mundo” (ZORDAN; ALMEIDA, 2020, p. 13)

Consideram ainda que o modelo econômico de subjetividades consumistas faliu. E esperam que com as paragens formativas, após a pandemia, existam menos slogans como "a vida não pode parar" e uma "pedagogia da vida".

Como encaminhamentos futuros, as autoras apontam a necessidade de continuar discutindo sobre o trabalho doméstico em tempos de pandemia, questões cotidianas que antes não faziam parte do rol de temas da educação.

É necessário ressaltar que o artigo integralmente desenvolve-se numa extensa introdução, descuidando-se, aparentemente, da estrutura de um artigo científico. Essa observação não diminui a contribuição das autoras para a literatura, uma vez que apresenta conclusões e encaminhamentos futuros.

Assim, a discussão realizada pelas autoras oportuniza percebermos a necessidade premente de realizar paragens em devir e assim refletir sobre a docência no cotidiano doméstico, sobre questões que ultrapassam o ensino aprendizagem de conteúdos disciplinares e sobre qual educação estamos oferecendo a crianças, jovens e adultos e quais implicações para a vida.

O artigo **Letramentos a distância na (e na pós) pandemia**, publicado na revista *Linguagem em Foco*, de Petrilson Pinheiro, é resultado de uma palestra do autor pelo canal do youtube "Multiletramentos e ensino" no qual discute o letramento a distância no contexto da pandemia, contrapondo-se a educação a distância, ao mesmo tempo em que oportuniza o repensar sobre a educação básica revisitando o passado, analisando o tempo presente para então construir um arcabouço que permita projetar o futuro da educação.

A composição do seu referencial teórico se apoia nas seguintes concepções de Boym, sobre nostalgia; Nobel e Lankshear, sobre as novas tecnologias; Pinheiro, sobre letramento crítico; Freire, sobre ser letrado.

Como conclusão, Pinheiro afirma que, no momento, as medidas sobre a escolarização dos educandos têm caráter paliativo. Questões como as condições de ensino na rotina familiar dos alunos, o esgotamento físico dos professores, a pressão por resultados, a formação docente são pontos importantes para serem discutidos nessa tentativa de retomada das aulas. O autor salienta que o contato entre professor e aluno deve valorizar a troca de experiências e, dessa forma, ensinar valores éticos e respeito à diversidade, por exemplo. Ainda sobre as aulas, Pinheiro destaca que a pesquisa na internet pode se tornar objeto de ensino, de maneira crítico-reflexiva. Pinheiro defende o letramento a distância, uma proposta que considera os diferentes espaços sociais de aprendizagem para a formação do alunado. Salienta ainda que o processo de aprendizagem é ubíquo.

Ressalta que são necessárias políticas de curto, médio e longo prazo na educação. Considera a importância do desenvolvimento de pedagogias de inteligência colaborativa e a necessidade de investimento em tecnologias e formação docente. Por fim, Pinheiro frisa que devemos aprender com o passado, trabalhar o presente para imaginar o futuro da educação.

O artigo suscita muitas discussões coerentes e necessárias sobre temporalidade, considerando a educação na pandemia e as implicações para o futuro pós-pandemia. Porém, é necessário apontar a formatação estrutural da publicação. O artigo completo desenvolve-se em apenas considerações iniciais, não apresentando o item conclusão, integrante da estrutura de um artigo científico. Contudo, as conclusões do autor estão presentes no decorrer do corpo do artigo. E essa lacuna, por sua vez, não diminui sua contribuição para pesquisas futuras na área do letramento a distância.

Outro ponto importante é o resumo apresentado sobre o artigo que não condiz com o que é apresentado. Ao consultar o canal e o vídeo sobre a palestra não foi possível descobrir qual a fonte do que foi relatado no resumo.

Publicado na revista Educação e Realidade, **Mais uma lição: sindemia covídica e educação**, de Alfredo Veiga-Neto, apresenta as implicações decorrentes da pandemia do novo coronavírus no campo da educação escolar. O autor objetiva considerar as medidas educativas que sejam úteis para enfrentar crises semelhantes às atuais no futuro. Enfatiza que a educação escolar no Brasil é um acúmulo de muitos anos de "desigualdades, estruturais, exclusões de toda ordem, elitismo descarado, facilitação, aligeiramento e superficialidade curricular." (VEIGA-NETO (2021, p. 11) Explica o conceito de sindemia covídica, ao mesmo tempo que aborda endemia, epidemia e pandemia. Traz a caracterização de conceitos que, segundo o autor, fazem parte do contexto da sindemia covídica: o negacionismo, terraplanismo, conspiracionismo, fundamentalismo, anticientificismo, tribalismo e o refratarismo.

Para fundamentar a análise apresenta discussões como sindemia, de Horton; burrice e banalidade do mal, de Gros; fundamentalismo, de Rorty; indivíduos individualizados, de Beck; conhecimentos curriculares, de Veiga-Neto, Nogueira; dimensão formativa, de Veiga-Neto; presentismo, de Virilio; o princípio da caridade, de Dascal; governamentalidade, de Foucault; e a educação científica e contemporaneidade, de Pinker.

O autor conclui que seus apontamentos não são novidades nos estudos sobre currículo e que não há mágica para solucionar os problemas históricos no Brasil. A partir dessa discussão, tentou enumerar medidas educativas simples, de baixo custo e factíveis. Aponta a educação científica como forma de combater e neutralizar o que o autor chama de estultice,

sem deixar de considerar o caráter temporal, social, coletivo e colaborativo da ciência. A educação científica permite uma aprendizagem que apresenta a relação íntima entre o mundo da ciência e o mundo da vida cotidiana. Sinaliza a importância de "compreender que a dimensão formativa do currículo envolve também o ensino e a aprendizagem de modos de governar-se e de governar os outros" (VEIGA-NETO, 2021, p. 14). Ressalta que o presentismo, vigente, possibilita o desaparecimento da memória do passado. É preciso compreender a importância da singularidade, ao mesmo tempo, os limites das relações interpessoais, no caminho da aprendizagem e exercício de condutas éticas. Veiga-Neto sugere tratar os conteúdos não no patamar da informação, uma vez que devem atender a função de "ampliar articuladamente o repertório e, principalmente, servir para desenvolver operações mentais mais e mais integradoras, elaboradas e complexas." (VEIGA-NETO, 2021, p. 12).

O autor aponta a urgente necessidade de realizar mudanças nas ênfases curriculares, especialmente na educação científica. Insiste que medidas pedagógicas não são suficientes para resolver todos os nossos problemas sociais. Segundo o autor, as medidas propostas podem empoderar-nos um pouco para enfrentar esse tipo de situação.

É perceptível a defesa que Veiga-Neto faz sobre a importância da educação científica para a educação escolar e para a sociedade como um todo. Ao propor mudanças e reflexões com essa fundamentação, o autor contribui de forma relevante para uma formação que ultrapassa os conteúdos disciplinares e colabora para uma formação para a vida coletiva.

No grupo **gestão da educação**, temos apenas o artigo **Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia**, de Bernadete A. Gatti, publicado na revista Estudos Avançados, que faz uma análise da gestão educacional e dos impactos da pandemia na escolarização de crianças, jovens e adultos. A autora frisa que as dificuldades atuais estão relacionadas à preservação da vida, às necessidades sociais, ao mercado de trabalho, à economia e à sustentabilidade institucional. Gatti lança questões sobre a vivência na pandemia e o pós-pandemia, questiona se iremos ampliar horizontes de consciência social, refletir sobre os momentos e projetar quais mudanças são necessárias para garantir vida digna para todos, repensar o bem comum e rever os fatores mais importantes para a civilização.

Para construir o artigo, estudos dos autores Villas Bôas e Unbehau e Undime et al. são referenciados sobre a paralisação das atividades educacionais; as ideias de Maturana e Maturana e Varela sobre sociabilidade presencial; Wallon, Piaget, Vigotsky, Bruner, Wenger, Paula et al., e Lent, sobre o papel do adulto nas situações de aprendizagem com crianças e jovens; Reimers e Schleicher e CTE-IRB/Iede, sobre o retorno escolar; Carvalho, sobre a

crise da escola e o desaparecimento do sentido político e existencial da experiência escolar e Silva Júnior, sobre as mudanças de cultura.

No decorrer do artigo, Gatti faz apontamentos sobre a ruptura de hábitos e a reflexão sobre essencialidade e o excedente. Conclui sobre a relação existente entre a educação e a preservação da vida em todos os campos. A educação das crianças e jovens adentrou o espaço domiciliar, ao vivo, com o auxílio de pais e responsáveis. Por fim, finaliza que não podemos esquecer esse exercício de pensar, durante a pandemia. A educação propicia a formação de valores para a vida e a "possibilidade de criar nova consciência e postura de vida." (GATTI, 2020, p. 39).

Assim, observamos que Bernadette faz uma reflexão coerente com o cenário atual, abordando a educação não só nos limites da sala de aula, mas da escola como um todo e da sociedade. A partir disso traz uma sinalização muito importante que é superar o individualismo e a competitividade exacerbada. E nesse movimento, sugere a necessidade urgente de repensar a educação. Essa perspectiva contribui e estimula cada vez mais pesquisas no campo educacional para somar conhecimentos e tentar planejar, minimamente, a pós-pandemia.

Na categoria **educação infantil**, encontramos os seguintes artigos que serão apresentados na sequência: **Estamos em casa! Narrativas do cotidiano remoto da educação infantil em tempo de pandemia**, **Educação infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia** e **Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica**.

Estamos em casa! Narrativas do cotidiano remoto da educação infantil em tempo de pandemia, publicado na revista Práticas educativas, memórias e oralidades (PEMO), escrito por Mayara Alves de Castro, José Geraldo Vasconcelos e Maria Marly Alves, apresenta uma reflexão sobre a educação infantil no ensino remoto a partir de narrativas de grupo de whatsapp de crianças de 04 anos e familiares, em uma creche municipal em Fortaleza.

A discussão desenvolvida utiliza-se de concepções de vários autores. Dentre eles, temos Malaguzzi, sobre a parceria criança - família - escola - internet; Machado, Coutinho, sobre educação infantil; Lévy, sobre as ferramentas digitais e sobre nativo digital; Certeau, sobre cotidiano; Rinaldi, sobre ação educativa; Brougère, Staccioli, sobre cotidiano; Oliveira, sobre o brincar; Carvalho, sobre jogos e brincar; Zanluchi, sobre brincar; Vygotsky, sobre aprendizagem e desenvolvimento; Baquero, sobre brincadeiras e jogos.

Os autores afirmam que a ação pedagógica, neste nível de ensino, busca, por meio de diversas vivências, acolher e proteger direitos da educação infantil. Para fundamentar as suas reflexões utilizam-se da discussão sobre a parceria criança - família - escola - internet, de Malaguzzi.

Afirmam ainda que as narrativas imersas em sentimentos tornaram o processo de escuta mais sensível, ao mesmo tempo que proporcionaram o repensar das práticas com criatividade. Concluem que a prática pedagógica foi iniciada nesse cenário de pandemia e não finda nesse mesmo momento. A pandemia afetou as percepções sobre educação, e Castro, Vasconcelo e Alves pontuam que a educação não será como antes.

A discussão que propõem é pertinente ao perceber os impactos e aprendizagens resultantes das interações e brincadeiras no contexto das aulas presenciais. E que, para garantir o direito à infância e à vida, essas práticas, antes realizadas nas salas de aulas, devem ser retomadas no cotidiano dos lares das crianças.

As autoras Ângela Scalabrin Coutinho e Valdete Côco, em seu artigo **Educação infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia**, publicado na revista *Práxis Educativa*, abordam as políticas governamentais voltadas à educação infantil, no cenário da pandemia. Refletem sobre a educação das crianças pequenas e as articulações que se fazem necessárias, diante das inúmeras dificuldades vividas no tempo presente. Também apontam para as iniciativas que devem ser tomadas no pós-pandemia.

Para fundamentar o estudo a abordagem teórica perpassa por diversos autores como Arendt, sobre processos educativos e sobre o papel da educação para as novas gerações; Rocha, sobre educação infantil; Coutinho, sobre a criança, seu corpo e suas emoções; Rosemberg, sobre as mobilizações na educação infantil; Dahlberg, Mosse e Pence, sobre o respeito pela criança; Rizzi e Ximenes, sobre a educação infantil ser um direito da criança e também dos(as) trabalhadores(as) e da família; Coutinho e Côco, sobre o diálogo com as famílias; Côco, sobre a baixa valorização; Correa e Cássio, sobre a precarização do trabalho do professor da educação infantil; Côco, sobre os auxiliares das professoras; Alves e Pinto e Alves e Sonobe, sobre a remuneração dos profissionais da educação básica; Basílio, sobre a voz das professoras; Krenak, sobre os excluídos; Rosemberg, sobre o confronto entre categorias sociais; Campos et al., sobre os desafios do retorno e o respeito aos direitos da criança, da família e dos educadores.

As autoras concluem que as decisões rápidas representam retrocessos e que exigem das professoras atuação sem oferecer condições para isso, ao mesmo tempo que cobram dos familiares uma tarefa de cunho pedagógico com meios que não estão presentes na maioria

dos lares no país. Por fim, convidam os leitores a continuar a vigilância da geração, da criança como sujeito político - em sua relação de alteridade entre criança, adulto e velho, contrapondo-se à ideia de subordinação entre eles - e do papel do Estado na defesa do direito à educação das crianças, mesmo na excepcionalidade da pandemia.

As ideias no artigo sobre criança e educação infantil promovem um olhar diferenciado para essa etapa da Educação Básica, percebendo a criança como um sujeito político, e denunciam as condições de vida dessas crianças de 0 a 6 anos, principalmente daquelas que estão fora das creches e pré-escolas.

É interessante frisar que as autoras no desenrolar do seu artigo denominam **professoras** os educadores responsáveis por essa etapa da educação e pode-se inferir que essa postura reflete a grande concentração feminina nesse campo de atuação e, por conseguinte ou não, o estereótipo de quem trabalha com a educação infantil, assunto esse para outra pesquisa.

Por fim, apontamos que a discussão presente no artigo **Educação infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia** encoraja a busca pela defesa dos direitos da criança e de pesquisas na área para fomentar diálogos sobre a educação na pandemia e na pós-pandemia, desde políticas educacionais a financiamento à qualificação de professores.

Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica, publicado na revista *Práxis Educativa*, é um artigo de Walter Omar Kohan baseado numa live realizada junto a Maura Corcini, organizada pela ANPEd. Aborda a atuação do governo federal frente à pandemia e as duas dimensões que surgem e, por sua vez, a relação com a escola. Sobre essas dimensões, Kohan afirma que “o vírus ama a morte e a morte da morte” e aponta que, em relação às escolas, temporariamente, o “vírus decretou uma morte”, ao mesmo tempo em que fez emergir as problemáticas vivenciadas no cotidiano escolar, como a diferença entre a educação pública e privada e a insubstituibilidade dos professores. O trabalho também discute os tempos presentes na educação e a inspiração infantil que nos faz repensar como nos relacionamos com a infância na educação. (KOHAN, 2020, p. 5)

É importante destacar que o estudo de Mbembe, sobre a necropolítica baseada no conceito de soberania, é utilizado; assim como estudos de Foucault, sobre o trânsito do poder e biopoder; de Masschelein e Simons, sobre o valor da escola; e do próprio Kohan, sobre as três formas de temporalidade e sua importância na educação.

O autor conclui que os professores limitam a vivência escolar infantil e exercem um poder que corrói a relação da criança com o conhecimento. É necessário escutar a voz infantil

para servir de inspiração em uma outra forma de fazer escola, um outra experiência com a vida escolar, independente da idade.

Afirma que, considerando o estresse e a tormenta pelas pressões das demandas do tempo cronológico, talvez seja tempo de voltar à infância, não à infância cronológica mas ao tempo de infância em que fomos crianças cronológicas. E que enquanto educadores temos que manter vivo, cuidar e cultivar esse tempo de infância, como Paulo Freire que era conhecido como menino permanente, aos 69 anos.

A discussão realizada por Kohan traz um posicionamento diverso comparado aos artigos relatados anteriormente, **Educação infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia** e **Estamos em casa! Narrativas do cotidiano remoto da educação infantil em tempo de pandemia**. Em seu posicionamento culpabiliza a figura dos educadores ao mesmo tempo que justifica sua atuação e sugere novos encaminhamentos. O artigo traz uma importante reflexão sobre a atuação dos professores da educação infantil e reforça a necessidade de um ensino significativo, vivo, para essa etapa da educação básica.

Em relação ao **ensino de matemática**, temos apenas um artigo acadêmico publicado, **Reflexões sobre os desafios para a aprendizagem matemática na Educação Básica durante a quarentena**, de autoria de Marcele da Silva Santos e Neide da Fonseca Parracho Sant'anna, publicado na revista RBEM. O artigo aborda os desafios do ensino e mais especificamente do ensino de matemática na pandemia a partir de questões como as dificuldades dos alunos e dos docentes, as tecnologias, a diferença entre EaD e ensino remoto emergencial. Sugerem atividades a serem realizadas em busca de uma aprendizagem significativa. Apresentam ainda dados de pesquisa sobre a falta de preparo na educação básica e da formação de professores sobre a necessidade premente de se adequar ao ensino remoto. Essa pesquisa foi realizada com 2,4 mil docentes no país, pelo Instituto Península, organização social sem fins lucrativos, que atua na área de educação e esporte.

Na composição do estudo, as autoras utilizam-se do referencial teórico de Kampf, sobre nativos digitais e o uso didático das tecnologias; de Dias; Pinto, sobre a influência da educação; de Tjara, sobre as TICs; de Machado, sobre o avanço das práticas pedagógicas na pandemia; de Pasini; Carvalho; Almeida, sobre ensino remoto; de Ausubel, sobre a teoria da aprendizagem significativa; de Mattar, sobre metodologias ativas; de Pereira; da Silva, sobre sala de aula invertida; de Melo, sobre estudo de caso; de Dos Santos; Gonçalves, sobre recursos audiovisuais; de Do Carmo e Marco, sobre jogos; de Presnky, sobre tecnologias; de Fardo, sobre gamificação.

As autoras destacam os esforços tomados por professores e alunos para superar os desafios, por meio de tecnologias ou materiais impressos. Ressaltam a importância dos responsáveis, nesse momento, assumindo a função de supervisionar os educandos em casa. Acreditam que as melhores alternativas são práticas voltadas para competências e habilidades gerais somadas a algumas específicas, de acordo com a escolaridade e que estimulem a colaboração, por meio de ferramentas tecnológicas, quando disponíveis. Concluem ainda que, com a pandemia, tornou-se notória a importância dos professores e que as tecnologias não os substituem.

Como encaminhamentos, apontam sobre a necessidade futura de aulas híbridas e de investimento em formação continuada de professores. Reforçam a necessidade de políticas públicas voltadas para a situação e que não dependam exclusivamente da escola e do professor.

Santos e Sant'anna fazem apontamentos relevantes sobre a didática de sala de aula, bem como sobre a formação de professores. Além disso, destacar a importância dos professores frente ao cenário de pandemia e a um mundo cada vez mais globalizado é valorizar a função dos educadores. Sugerir a necessidade de aulas híbridas representa ainda refletir sobre o ensino presencial e aliar as ferramentas tecnológicas para consolidar aprendizagens ou mesmo preencher lacunas não resolvidas na sala de aula. Essa discussão aponta para novos olhares, percebendo que a educação atual não atende mais, sem adaptações, à nova realidade.

Na categoria **pessoa com deficiência e necessidades complexas de comunicação**, temos quatro artigos acadêmicos publicados, a seguir: **Educação especial e inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial**, **Ensino remoto para alunos surdos em tempo de pandemia**, **Entre a espera e a urgência: propostas educacionais remotas para crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus durante a pandemia da COVID-19** e **Oportunidades de aprendizagem com apoio de comunicação aumentativa e alternativa em tempos de COVID-19**.

Educação especial e inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial, publicado na revista *Práxis Educativa*, escrito por Flavia Fassal de Souza e Debora Dainez, apresenta um relato de experiência de uma professora em formação e irmã de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) matriculado no 4º ano do fundamental e o suporte teórico baseou-se na perspectiva histórico cultural de desenvolvimento humano.

O referencial teórico se constrói a partir dos estudos de Bihr, sobre o corpo de cada pessoa; Santos e Lowy, sobre um darwinismo social; Carvalho, sobre salvar vidas ou a economia em tempos de pandemia; Freitas, sobre uma reforma empresarial da educação; Martins, Coutinho e Corrochano, sobre fatores psicopedagógicos do ensino remoto emergencial; Stetsenko, sobre o desenvolvimento da atividade psíquica na educação; Vigotski, sobre trabalho social e cultura; Friedrich, sobre atividade mediatizante; Vigotski, sobre defectologia; Stetsenko e Selau, sobre deficiência; Bakhtin, sobre o movimento da família no processo de escolarização; Santos et al., sobre o processo de ensino-aprendizagem; Daniels, sobre o processo de organização do ensino; Kozulin; Gindis, sobre a mediação pedagógica; Souza e Pletsch et al., sobre a importância das tecnologias educacionais; Dainez, Smolka, sobre a vivência social singular.

As autoras concluem que a escola tem um importante papel social na formação humana, enquanto espaço social de vivências e sinalizam que o ensino remoto emergiu diversas implicações no processo de ensino aprendizagem, desde as condições precárias de vida dos professores, alunos e seus familiares ao acesso às tecnologias educacionais. Apesar do cenário de desigualdades relatado, as autoras ressaltam que o ensino remoto permite a conexão entre aluno e escola “como mediadora dos processos de humanização” (DE SOUZA; DAINEZ, 2020, p. 11) Apontam ainda para, mesmo com experiências contraditórias, a possibilidade de mobilização de forças em busca de um projeto para a educação e para a sociedade.

A discussão oportuniza pensar no vínculo da escola com os alunos, que mesmo em condições desiguais e precárias, deve se fazer presente para contribuir com a formação humana dos educandos. Esse pensamento resalta a função social da escola em formar cidadãos e, no cenário de pandemia, problematizar as crises nas dimensões educacionais, políticas, econômicas e sociais torna-se essencial.

Ensino remoto para alunos surdos em tempo de pandemia de autoria de Elsa Midori Shimazaki, Renilson José Menegassi e Dinéia Ghizzo Neto Fellini, publicado na revista *Práxis Educativa*, é o resultado de uma pesquisa com alunos surdos e seus professores, no estado do Paraná, a partir da introdução do ensino remoto, no cenário de pandemia. O sistema educacional do Paraná trabalha com aulas em vídeo no canal do youtube, com a ferramenta google classroom e o aplicativo Aula Paraná transmitido em TV ABERTA.

A fundamentação teórica baseia-se em estudos de Luria e Vólochinov, sobre a língua; Vigotski, sobre os estágios da fala; Leontiev, sobre a criança e assimilação do mundo objetivo; Ludwing, sobre sujeito e objeto; Pierro, sobre o público dos estudos acelerados a

noite; Magno, sobre a interferência de grupos privados na educação; Moura, sobre linguagem e identidade; Serafini, sobre a educação a distância; Andrade, sobre as práticas sociais e de socialização entre docentes e discentes; Vólochinov, sobre diálogo e sobre consciência individual e coletiva; Menegassi, sobre leitura; Góes, sobre a importância da escola para o surdo; Luria, sobre a função representativa da palavra.

A escola pesquisada também trabalha com apostilas com atividades que atendem ao nível de escolarização dos alunos. Grupos de whatsapp, chamadas de vídeo via whatsapp são realizadas, porém a preocupação apontada é o apoio familiar.

Os autores concluem que o ensino remoto no que se refere aos conhecimentos científicos é considerado precário. Os resultados da pesquisa qualitativa revelam pontos positivos, negativos e desafios, especialmente para alunos com surdez, por questões diversas de desigualdade de acesso. Por fim, afirmam que para a educação dos surdos, o ensino remoto não apresenta “resultados aparentemente positivos” (Shimazaki; Menegassi; Fellini, 2020, p. 15) no que diz respeito à língua materna e ao português escrito.

Os autores trazem encaminhamentos importantes ao sugerir que as escolas pensem mecanismos complementares ou paralelos de comunicação ou organização de horários e espaços na escola, de acordo com a realidade de suas demandas, com as devidas precauções e prevenções.

A discussão realizada por Shimazaki, Menegassi e Fellini aponta para encaminhamentos futuros para o processo de ensino aprendizagem de alunos com surdez, considerando os resultados e a análise da pesquisa à luz da literatura da área da educação especial. Perceber que as práticas atuais não são suficientes para permitir uma aprendizagem similar ao ensino presencial é tomar consciência da dimensão da educação e da necessidade constante em se adequar a determinadas realidades e singularidades. Dessa forma, os encaminhamentos apresentados pelos autores norteiam as ações docentes e a reflexão dessas ações em um processo contínuo de construção e reconstrução, ressignificando a prática educativa.

Em **Entre a espera e a urgência: propostas educacionais remotas para crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus durante a pandemia da COVID-19**, publicado na revista *Práxis Educativa*, as autoras Marcia Denise Pletsch e Geovana Mendonça Lunardi Mendes apontam que, conforme levantamento da UNESCO, as pessoas com deficiência foram as mais afetadas, quando se fala no fechamento das escolas. Nesse cenário, relatam que existe a hierarquização das vidas, prejudicando os educandos com deficiência, e que não existe democracia no vírus, o contágio é universal, mas as mortes são localizadas. O estudo

discute as práticas pedagógicas propostas para crianças com síndrome congênita do zika vírus de uma rede de ensino da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, durante a pandemia, através da análise de documentos e de entrevistas com os profissionais da educação.

A fundamentação do artigo de Pletsch e Mendes baseia-se nos autores Raniere; Gagiollo; Borges, sobre o papel da escola no acolhimento e suporte da comunidade escolar e sobre as propostas de atividades práticas para os estudantes com deficiência; Morgado, Souza e Pacheco, sobre o risco de uma perspectiva instrumental; Young, sobre conhecimento poderoso; Dussel, sobre os impactos da domiciliação; Sá et al., sobre a necessidade de políticas intersetoriais; Rocha; Pletsch, sobre recursos pedagógicos e de comunicação alternativa; Vigotski, sobre linguagem e pensamento; Coutinho e Côco, sobre EaD e educação infantil; Menezes et al., sobre a rotina e dinâmica familiar com uma criança com deficiência; Garcia, sobre a estada na escola da criança com deficiência; Souza e Dainez, sobre ensino remoto com um autista; Artiles e Artiles, Dorn e Bal, sobre inclusão.

As autoras concluem que é através da articulação entre crianças, suas famílias e seus professores que será possível uma educação equitativa. Denunciam a falta de articulação entre saúde e educação, a desigualdade de gênero e as desigualdades tecnológicas. Para Pletsch e Mendes, as alternativas pedagógicas possíveis não são eficientes.

Assinalam com propriedade que os estudos na área da educação precisam criar diálogos intersetoriais e interseccionais para pensar numa nova escola, de fato, necessária. Apontam, por fim, que é fundamental defender a vida, a ciência e a educação inclusiva e que isso só será possível a partir de uma educação pública para todos.

A discussão apresentada pelas autoras, a abordagem que visa “focar nos impactos da epidemia, dentro da pandemia” (PLETSCH; MENDES, 2020, p. 4) faz-nos lembrar que já vivemos momentos atípicos que exigiram medidas singulares, bem como reflexões, não na dimensão atual da pandemia da COVID-19, mas que permite-nos pensar por analogia e refletir sobre o quão equitativas as práticas de ensino atuais são, por exemplo. Além disso, podemos inferir da frase acima citada que existem outras epidemias dentro da pandemia no país, que é assunto para discussão em outro trabalho.

Os apontamentos realizados no artigo são um convite para pesquisas sobre que escolas teremos após a pandemia, quem são os alunos e professores dessas escolas e quais articulações serão necessárias para promover uma educação pública para todos.

Oportunidades de aprendizagem com apoio de comunicação aumentativa e alternativa em tempos de COVID-19 escrito por Renata Bonotto, Ygor Corrêa, Eduardo Cardoso e Daianne Serafim Martins, e publicado na revista RIAEE, traz uma análise das

postagens na página COMUNICATEA_pais, no instagram, sobre Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), no período de 10 de março a 31 de maio de 2020. A intenção é identificar os materiais em processo de criação e disponíveis para ajudar na aprendizagem dos alunos que apresentam NCC. Essa página, segundo os autores, tem o poder de acolhimento, difusão de informações e acesso a recursos de apoio à comunicação para professores, educandos e familiares e, dessa forma, tentar amenizar as desigualdades.

Diversos estudos foram utilizados para construir o artigo, o autor Zhao trouxe apontamentos sobre a modalidade de ensino domiciliar; Williamson; Eynon; Potter, sobre a nova lógica BYOSH, ou “Bring Your Own School Home”, em inglês, com sua tradução livre para o português, Traga sua Própria Escola para Casa, no que refere-se às práticas de ensino domiciliar, no contexto da pandemia; Moreira e Schlemmer, sobre as aulas online; Nóvoa, sobre a carência de infraestrutura na educação básica e superior para adesão às aulas online; Garcia et al., sobre as tecnologias digitais interativas; Castamane e Rodrigues, sobre o distanciamento social e as implicações no cenário educacional; World Bank, sobre a educação de estudantes com deficiência em cenários de crise; Prates, sobre o apagamento das pessoas com deficiência que enquadram-se como grupo de risco; Bonotto, sobre a CAA; Beukelman; Light, sobre as barreiras da fala; Vigotski, sobre desenvolvimento cultural; Asha, sobre o formato dos recursos do CAA; Beukelman e Light, sobre a CAA como habilitação de indivíduos para a comunicação e o engajamento em atividades de sua escolha; Beukelman e Light, sobre os benefícios da CAA; Beukelman e Light, sobre a CAA no jogo Cara a Cara, sobre comunicação eficiente.

Os autores, a partir do tratamento dos dados, realizado por meio da técnica da Análise de Conteúdo, concluem que a CAA faz a mediação na comunicação limitada, ou quando inexistente a fala, e a página estudada fornece oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento. A página tem conteúdos abertos e, segundo os autores, é mais facilmente acessada por educadores e profissionais da saúde. Considerando o cenário da pandemia, os recursos de CAA auxiliam os educandos e suas famílias na compreensão e expressão em atividades, facilitando a inclusão, participação social e desenvolvimento da autodeterminação.

Acerca de estudos futuros, Bonotto, Corrêa, Cardoso e Martins falam sobre a pretensão de buscar outras fontes de materiais, nacionais e internacionais, para aprofundar e analisar conteúdos disponíveis aos estudantes com necessidades complexas de comunicação.

A discussão apresentada pelos autores sobre CAA aponta para uma rede social, bastante difundida no mundo, utilizada para um fim educacional e de apoio a familiares e demais envolvidos. Isso representa uma função atípica que foi acrescida ao aplicativo e investiga como a tecnologia, se bem gerenciada, pode aproximar as pessoas, promovendo empatia e disseminando informação e conhecimento sobre CAA.

A pretensão dos autores em aprofundar esse tipo de estudo ratifica a importância da plataforma como ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento para estudantes com necessidades complexas de comunicação, professores e familiares.

Na categoria **práticas pedagógicas e formação docente**, temos os seguintes artigos a ser apresentados na sequência: **Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular**, **Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social**, **Escolarização de crianças e adolescentes pantaneiros em tempos de COVID-19**, **A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente**, **Formação inicial do docente em tempo de COVID-19**, **Precarização do trabalho docente e adoecimento**, **Experiências formativas através de diários de formação**, **Ensino a distância, dificuldades presenciais: perspectivas em tempos de COVID-19** e **A COVID-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências**.

Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular é um artigo, escrito por José Carlos Morgado, Joana Sousa e José Augusto Pacheco, publicado na revista *Práxis Educativa*, que apresenta reflexão sobre os desafios e aprendizados percebidos pelos professores na educação brasileira, em um cenário de pandemia. Especificamente, são apontadas as seguintes discussões: a mudança na forma de trabalho docente e o uso das tecnologias digitais na realização de atividades pedagógicas a distância e seus impactos curriculares.

A fundamentação teórica está alicerçada em estudos de Santos, sobre a compreensão dos tempos atuais, que chama de excepcionalidade da exceção; Hargreaves, sobre o fluxo da informação e do conhecimento; Giannotti, sobre o conhecimento ser saber e força produtiva ao mesmo tempo; Innerarity, sobre tirania do presente; Lipovetsky, sobre a associação entre tirania do presente e economia consumista; Han, sobre paradigma imunológico e paradigma neuronal; Han, sobre a projeção dos paradigmas imunológico e neuronal e os efeitos causados também pelo excesso de positividade; Estévez, sobre o medo e a angústia que estimularam o isolamento físico, sobre o uso da plataforma zoom, o que chama de zoomismo e sobre imobilidade produtiva; Klein, sobre um futuro ainda mais tecnológico; Han, sobre o perigo da

digitalização eliminar a realidade; Pacheco, sobre a resiliência da escola; Estévez, sobre isolamento curricular e zoomismo e sobre digitalização do currículo; Reid, sobre a vida ser um currículo; Webster, sobre as crises curriculares; Goodson, sobre a dimensão social do currículo; Pinar, sobre o currículo e suas esferas públicas e privadas; Young, sobre a desconexão do currículo com a vida; Reimers e Schleicher, sobre a necessidade que a pandemia trouxe de promover as competências cognitivas, sociais e emocionais dos alunos; Pinar sobre as relações e interações no currículo; Schubert, sobre a importância da experiência do sujeito; Goodson, sobre a imposição do conceito de currículo; Harari, sobre o desafio de se manter concentrado numa sociedade globalizada.

Os autores ressaltam que a conclusão do artigo deve ser entendida como ponto de partida para novos estudos. Afirmam que os estudos curriculares são baseados em fundamentos teóricos e históricos, mas que são focados no futuro, dessa forma, é urgente analisar a experiência educativa em tempos de confinamento social e isolamento curricular, pensando na redução da desigualdade como consequência. Também consideram que, por mais que os recursos tecnológicos ampliem sua participação no currículo escolar, não substituirão a relação pedagógica.

Sugerem que as temáticas abordadas sejam estudadas com o objetivo de encontrar sentido e enriquecer o conhecimento sobre o fenômeno vivenciado atualmente e quais as consequências para o currículo e para o desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo.

Os autores frisam sobre a necessidade de pensar o momento presente na busca de reduzir as desigualdades. Discutir a respeito das práticas pedagógicas vigentes é pensar em relação a eficácia delas na redução das desigualdades que ganharam maior notoriedade em tempos de pandemia. As sugestões apontadas pelos autores revelam uma convocação para o perfil pesquisador dos professores, principalmente, nesse cenário.

O artigo publicado na revista *Práxis Educativa* e intitulado de **Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social**, escrito por Luciana Haddad Ferreira e Andreza Barbosa, a partir de narrativas de professoras, encontradas no Instagram e no Facebook, no período de 10 de março a 10 de maio de 2020, faz uma análise sobre o contexto político da reorganização escolar na atualidade. Na sequência, analisa as práticas de docência decorrentes das orientações, suas consequências e possibilidades, em um cenário de suspensão das aulas presenciais, evidenciando dilemas, impedimentos, mudanças no decorrer do percurso, soluções e o cotidiano de professores.

A fundamentação teórica do referido artigo baseia-se em Vigotski, sobre a educação enquanto processo de humanização; Freire, sobre propostas educativas emancipatórias; Paro,

sobre uma educação de qualidade e relevância social e sobre organização escolar; Gentili, sobre o desafio gerencial de transformar a escola; Vigotski, sobre a educação a partir da experiência da humanidade; Freire, sobre o ato de conhecer; Paro, sobre o produto do trabalho da educação escolar; Barbosa, sobre as condições de docência no Brasil; Enguita, Apple e Hypolito sobre o trabalho docente e a discussão de gênero; Duarte sobre a sensação de perda de identidade e o questionamento sobre a própria capacidade enquanto professores; Mill, sobre o trabalho docente na educação a distância; Freire, sobre a consciência das dificuldades enfrentadas; Vigotski, sobre a ação pedagógica; Augé, sobre a escola como lugar comum; Freire, sobre contato e experiência educativa; Faria; Demartini; Prado, sobre dar voz às crianças pequenas; Paro, sobre a escola, enquanto grupo social; Certeau, sobre os afazeres cotidianos.

Os autores concluem que o ensino remoto e as dificuldades de estudar dentro do lar restringem o direito à educação de qualidade pelos estudantes. A atual situação da educação básica aponta para a necessidade do debate sobre os fins da educação, sobre a formação docente, formação compartilhada, das redes de cooperação mútua e do aprendizado. Evidenciam também a importância da ciência e da produção acadêmica, com a intenção de reconhecer o conhecimento advindo do chão da escola. Ressaltam ainda sobre a importância de lembrar das práticas do antes e a possibilidade e expectativa de um depois. E que os aprendizados docentes, no atual cenário, não se tratam da efetividade da educação a distância como prática permanente.

Analisar as narrativas de educadores nas redes sociais possibilita perceber além do que está escrito, as sensações implícitas causadas pelo contexto e que muitas vezes não são ditas diretamente. Problematizar isso é perceber a necessidade premente de estudar sobre a implementação do ensino remoto e as dificuldades que atravessam a ação pedagógica, na busca de produzir alternativas, soluções, situações de aprendizagem que tentem minimizar os impactos da pandemia no campo educacional.

Publicado na revista *Práxis Educativa*, **Escolarização de crianças e adolescentes pantaneiros em tempos de COVID-19**, escrito por Washington Cesar Shoiti Nozu e Mônica de Carvalho Magalhães Kassar, é um artigo que analisa uma pesquisa qualitativa com gestores e professoras de escolas em regiões ribeirinhas do Pantanal sul-mato-grossense, as Escolas das Águas. A pesquisa objetiva descobrir como os educadores estão organizando-se para manter a escolarização de crianças e adolescentes pantaneiros, em tempos de pandemia do COVID-19. Para as autoras, se a pandemia tem gerado inúmeras dificuldades para a

educação formal, nessas escolas a situação é ampliada e potencializada pelas desigualdades na região.

Como aporte teórico, as autores utilizam-se das concepções de Arruda, sobre o atendimento escolar e o acirramento das desigualdades, em tempos de pandemia; Basilaia e Kvavadze, sobre a mudança em leis e regulamentos sobre educação escolar em tempos de pandemia; Barreto e Rocha, sobre a possibilidade de ensino a distância; Senhoras, sobre os efeitos do isolamento social e vertical em diversos países e sobre o comprometimento do processo ensino aprendizagem e o aumento da evasão escolar; Arruda, sobre as TICs como solução; Oliveira; Duarte, Kassar; Rebelo; Oliveira, sobre a associação entre escolarização e desenvolvimento econômico; Estellés e Fischman, sobre as dificuldades e fragilidades da educação formal em tempos de pandemia; Freire, sobre o ato pedagógico e político; Zerlotti e Melo, sobre a denominação escolas das águas; Vasconcelos e Albarado, sobre merenda, exclusão social, negação de direitos; Caiado e Meletti, sobre os estudantes com deficiência; Cruz, sobre a distância entre a residência dos estudantes e as escolas das águas para a entrega e devolutiva das atividades; Costa, Zerlotti, Abreu, Oliveira, sobre a baixa escolaridade dos pais dos alunos; Dantas, sobre os efeitos da crise em um estudo na Bahia; Senhoras, sobre as assimetrias educacionais; Zanata, sobre o uso do rádio; Zerlotti, sobre o anseio da população por serviços públicos.

Os autores concluem que nesse cenário as populações vulneráveis são as mais fragilizadas, mesmo com os esforços dos envolvidos. Ressaltam o empenho dos profissionais da escola em tentar superar a distância e manter a escolarização. Porém, os autores apontam para a não utilização do rádio, já que é um dos meios mais utilizados e disponíveis na região. Evidenciam a importância da continuidade das políticas sociais e refletem sobre as dificuldades atuais para o acesso à educação com a infraestrutura disponível.

As autoras convidam os leitores a continuar a vigilância da geração - tida como relação de alteridade entre criança, adulto e velho -, da criança como sujeito político e do papel do Estado na defesa do direito à educação das crianças, mesmo na excepcionalidade da pandemia.

As observações sobre as populações vulneráveis, o não uso do rádio nas escolas ribeirinhas e as diferenças geracionais entre criança, adulto e velho dão ênfase a assuntos que merecem um estudo sistemático no campo educacional e das políticas públicas, nesse momento de práticas de manutenção da escolarização. Esse artigo permite vislumbrar a necessidade, cada vez mais urgente, de estudos futuros sobre a educação formal para os grupos vulneráveis, tentando reduzir as desigualdades impressas na região.

Publicado na revista *Práxis Educativa*, **A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente**, escrito por Karla Saraiva, Clarice Traversini e Kamila Lockmann, traz uma análise sobre a adaptação das atividades presenciais para o ensino remoto emergencial, a partir de notícias publicadas em sites de sindicatos gaúchos e de jornal online, no período de 16 de março a 31 de abril de 2020. A análise sobre a docência, em tempos de pandemia, dividiu-se em dois eixos: “Ensino remoto entre oportunidades, dificuldades e desigualdades” e “A docência levada à exaustão”.

A fundamentação teórica do artigo citado baseia-se em Simons e Masschelein, sobre aprender; Lazzarato, sobre os sujeitos de aprendizagem; Ball, sobre performatividade; Ipog, Saraiva e Veiga-Neto e Saraiva, sobre a distinção entre ensino remoto e ead; Foucault, sobre o espaço das disciplinas; Han, sobre a transparência; Saraiva e Veiga-Neto, sobre o enfraquecimento da disciplina; Saraiva e Veiga-Neto, sobre a valorização da autonomia; Saraiva e Santos, sobre a inclusão digital no Brasil; Veiga-Neto; Lopes, sobre inclusão e exclusão no acesso a internet; Rizzini, sobre vulnerabilidade social; Crary, sobre o trabalho sem pausa; Lockmann e Traversini, sobre escolarização delivery; Silva, sobre precarização do trabalho docente; Foucault, Traversini, Lockmann e Goulart, e Costa, sobre práticas de contraconduta; Veiga-Neto e Ball, sobre processos de avaliação; Tonnuci e Dussel, sobre o ensino remoto e o retorno presencial.

As autoras concluem que no início da pandemia, nem escolas, nem redes de ensino conseguiram planejar e orientar como os docentes deveriam trabalhar. A educação remota revela mecanismos disciplinares, mantendo a exclusão social, ou reforçando. As práticas de contraconduta são importantes para evitar a exaustão docente, não como solução para tudo, e fortalecem a performatividade escolar. Por fim, as autoras reforçam que é papel da escola orientar seus professores a inventarem estratégias para permitir o processo de escolarização de crianças, jovens e adultos.

A discussão sobre a implementação do ensino remoto perpassa pela compreensão do trabalho docente realizado de maneira intensiva, levando a exaustão. Um ponto relevante discutido pelas autoras é abordar a contraconduta como forma de buscar práticas mais produtivas para aquela realidade e não como mera resistência. Isso fortalece o pensamento de buscar alternativas mais acessíveis para a escolarização dos educandos, de modo a abraçar mais e mais estudantes.

Formação inicial do docente em tempo de COVID-19, publicado na revista *Ambiente*, de autoria de Flavia Kaine Pereira Alves Mineiro, Lucas Portilho Nicoletti e Rosângela Duarte, tem como objetivo investigar o desafio na formação inicial docente, em

tempos de pandemia, refletindo sobre como foi construída a formação do educador, do ponto de vista histórico, e os seus impactos na sua prática.

Para construir o referencial teórico, os estudos de Pryjma e Winkeler, sobre formação inicial, são utilizados; Silva, sobre a adaptação a um novo ensino; Severino, sobre saber; Saviani, Gatti, sobre a necessidade de formação docente; Nóvoa, sobre inteligência e compromisso; Saviani, sobre os períodos históricos na formação docente; Libâneo, sobre prática escolar; Freire, sobre a ideologia do poder; Zeichner, sobre prática reflexiva; Lima, sobre o início da docência; Ilha, sobre o início de carreira do professor; Silva, sobre a responsabilidade docente; Aguiar et al, sobre as dificuldades dos professores; Day, sobre o desenvolvimento profissional; Tardif, sobre o status da docência.

Os autores concluem que a construção histórica do ser docente influenciou o meio acadêmico e profissional. Reiteram ainda que a profissão de professor ultrapassa a transmissão de conteúdo de disciplinas. Ressaltam a importância da formação do professor articulada com a ação e investigação das práticas educativas na tentativa de superar os desafios docentes na pandemia. Por fim, os autores frisam que o professor deve assumir papel crítico na formação docente, compreendendo o valor da avaliação e autoavaliação para legitimar a política educacional.

A discussão realizada por Mineiro, Nicoletti e Duarte aponta para um viés ímpar ao compreender os impactos da formação histórica da docência na sua atuação tanto na academia quanto nos espaços do mercado de trabalho. E, nesse contexto de pandemia, repensar essa formação de maneira crítica permite investigar as práticas educativas vigentes e futuras, o que estimula o desenvolvimento de pesquisas na área.

Precarização do trabalho docente e adoecimento é um artigo, publicado na revista *THEMA*, escrito por Fernanda Rodrigues Pontes e Márcia Helena Sauer Guimarães Rostas, propõe-se a analisar os novos padrões laborais dos docentes do ensino superior e os impactos psicológicos dessa nova realidade, sem o devido suporte técnico e psicológico. Utiliza parte do referencial da pesquisa de mestrado com a mesma temática sobre precarização do trabalho docente e adoecimento, no período de 2009 a 2019.

Alguns autores foram utilizados para construir o desenvolvimento teórico do artigo. Barros foi um dos referenciados, com suas ideias sobre doenças psíquicas, sobre ser professor e as condições de trabalho; Catini, sobre os meios para educar; Antunes, sobre a informalização do trabalho; Santos, sobre a crise social; Veiga-Neto, sobre as relações trabalhistas; Gurski, sobre a saúde mental do docente e dos estudantes antes e durante a

pandemia; Oliveira; Pereira; Lima, sobre precarização do trabalho docente; Souza, Antunes, sobre o trabalho alienado.

Uma das discussões está na transição do trabalho presencial para o trabalho remoto, envolvendo um cenário de medo de contágio e de exclusão social. As autoras apontam que os impactos psicológicos são inevitáveis. Ressaltam que as constantes mudanças são fatores que podem levar ao adoecimento dos profissionais da educação.

O artigo inicia uma importante reflexão sobre o trabalho pedagógico, bem como torna-se informação aos docentes acerca do próprio adoecimento e a percepção desses educadores sobre si mesmos. Afirmam que são necessários acordos pedagógicos claros entre professores e estudantes. Por fim, apontam para a necessidade de repensar e reorganizar trabalhos, objetivos e estratégias, sempre que necessário para se buscar um ponto em comum para professores e alunos, com conforto.

A relevância da pesquisa, iniciada anteriormente ao período da pandemia e adaptada para o atual momento, está em pensar sobre o novo trabalho docente e os impactos na educação, na formação docente e na saúde desse trabalhador. Essa pesquisa também torna-se conhecimento que deve ser divulgado amplamente entre os pares e que influencie novas pesquisas sobre o trabalho dos educadores.

Experiências formativas através de diários de formação é um artigo de autoria de Jayane Mara Rosendo Lopes e Antonio Evanildo Cardoso de Medeiros Filho e publicado na revista PEMO. O seu objetivo é relatar as experiências formativas dos professores através de diários de formação no semestre 2020.1. Segundo os autores, as dificuldades foram evidenciadas ao mesmo tempo em que o compromisso dos professores com a pesquisa educacional também foi percebido. Os diários de formação contribuem para o desenvolvimento da escrita, bem como para uma formação crítica dos professores.

Para apresentar as experiências formativas, previamente foram utilizados referenciais teóricos, Grangeiro, com seu estudo sobre diários de formação e sua importância; Costa, Lima, sobre formação crítico transformadora; Severino, sobre o compromisso com a pesquisa em educação e sobre ser docente pesquisador e pesquisador docente; Ghedin e Franco, sobre a complexidade da educação e o caráter qualitativo das pesquisas educacionais; Lima e Costa, sobre as narrativas de estudantes; Triviños, sobre a relação entre o objeto e a prática profissional, sobre a delimitação do problema, objetivos.

O desenvolvimento dos diários ocorreu, de maneira virtual, conforme o conteúdo programático de cada semana, os assuntos e os textos referenciais disponibilizados pelos professores da disciplina de Pesquisa Educacional, do Mestrado Acadêmico em Educação, da

Universidade Estadual do Ceará. Para cada diário formativo, uma proposta é encaminhada pelos professores.

A conclusão dos autores ressalta que o desenvolvimento de diários de formação apontou para pontos positivos e negativos durante o momento da pandemia. Além disso, os diários revelaram como os docentes caminharam com a disciplina até o momento da prática de construção dos diários de formação.

Lopes e Medeiros Filho trazem a relevante experiência com diários como ferramenta de formação para a docência, no cenário da pandemia. Essa escrita permite o diálogo constante com os aprendizados, refletindo continuamente sobre as ações pedagógicas de maneira crítica.

O artigo, publicado na revista RIAEE, **Ensino a distância, dificuldades presenciais: perspectivas em tempos de COVID-19**, escrito por Thaís Janaina Wenczenovicz, apresenta uma análise das dificuldades impostas ao processo de ensino-aprendizagem, durante a pandemia, em um recorte temporal que inicia-se em dezembro de 2019 e finda em maio de 2020. Para realizar a análise minuciosa sobre a educação enquanto direito humano utiliza-se o procedimento bibliográfico-investigativo, banco de dados do INEP e entrevistas online com educadores da rede privada e pública do sul do país. A reflexão tem o objetivo de construir uma memória quanto às tomadas de decisões que geraram os modelos de práticas pedagógicas iniciais. Alguns dados presentes no artigo também fazem parte de uma pesquisa em andamento sobre os entendimentos dos professores, durante a pandemia.

Fundamentando o referencial teórico do artigo, apresentam-se as ideias de Quijano, sobre colonialismo; Castro-Gómez, sobre a modernidade; Figueiredo, sobre os subalternos; Almeida, sobre Brasil Colônia; Ribeiro, sobre lugares de fala e lugares de cidadania.

Wenczenovicz aponta que a crise econômica reforçou o ciclo intergeracional de pobreza. Também ressalta o risco de trabalho infantil, da gravidez precoce e a violência doméstica. A autora afirma que, num primeiro momento, as redes privadas se apresentam mais preparadas para viver o ensino remoto ou educação a distância. Já na rede pública, sinaliza as denúncias que os professores estão sendo obrigados a realizar novas atribuições e funções. Na conclusão do artigo, reflete que essa diferença pode ser resultante das condições de infraestrutura e formação de professores. Afirma ainda que, para todos, o momento é mais de incerteza e insegurança e que grande parte não consegue avaliar sua atuação docente. A maioria dos educadores tem ciência da educação enquanto direito humano. Por fim, destaca ainda o abandono imposto à rede pública de ensino.

Sobre uma perspectiva futura, Thaís Wenczenovicz reitera que são necessários mais investimentos na estrutura escolar para lidar com a crise. A respeito do lugar de fala, reforça que é importante “oportunizar espaços para que os educadores”, especialmente mulheres, possam “expor suas percepções”. (WENCZENOVICZ, 2020, p. 1759)

A discussão apresentada permite mapear as decisões educacionais relativas à implementação do ensino remoto emergencial e suas implicações, tanto na rede pública quanto na rede privada, no cenário da COVID-19. Esse mapeamento encontra sua contribuição a partir da reflexão dos encaminhamentos tomados, se eficazes ou não, e das dimensões que estão relacionadas a eles, como questões sociais e econômicas como a pobreza e o trabalho infantil. Oportuniza o repensar constante, estimulando mais pesquisas na área e a construção de modelos de práticas educativas em constante (re)construção.

O último artigo a ser apresentado, publicado na revista *Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação*, intitulado de **A COVID-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências** foi escrito por João Batista Araujo e Oliveira, Matheus Gomes e Thais Barcellos. Traz uma análise do cenário de suspensão das aulas presenciais, do uso do tempo, do uso das tecnologias voltadas para a escolarização dos educandos. Os autores afirmam que é importante entender os impactos da COVID-19 por meio das evidências científicas.

O desenvolvimento do artigo perpassa por um referencial teórico que apresenta estudos de Quinn, Quinn e Le, sobre a diminuição da diferença de desempenho escolar entre raças, nas férias; Long, Lopez-Agudo e Marcenaro-Gutierrez, e Wu, sobre a comparação entre tempo de instrução e desempenho escolar; Bruns et al., Kane et al., sobre como os alunos aprendem mais; Janiszewski; Noel; Sawyer, sobre a exposição de conteúdos; Titsworth al., sobre a qualidade do professor; Louzano et al., sobre atrair os melhores alunos a tornarem-se professores; Avvisati et al., Poweell-Smith et al., sobre a habilidade dos pais; Bernard et al., Cavanaugh et al., Means et al., Morgan, sobre estudos em sala e educação a distância; Means et al., O’dwyer, Carei, Kleiman, Sun, Lin, Yu, sobre a combinação de ensino presencial com atividades online; Piper et al., sobre ensino estruturado; Roschelle et al., sobre dever de casa; Fan et al., sobre dever de casa; Castro et al., sobre dever de casa.

Os autores sugerem que as estratégias pedagógicas utilizadas durante a pandemia, “como o Ensino remoto, o uso de tecnologias e o aumento da carga horária” (OLIVEIRA; GOMES; BARCELLOS, 2020, p. 566), são pouco promissoras. Apontam que resultados melhores seriam alcançados pensando em diagnósticos, intervenções estruturadas adequadas aos professores, aproveitamento do tempo por parte dos alunos, uso eficaz das atividades

realizadas em casa e uma tutoria com ênfase nos alunos enquadrados como de maior risco, ou seja, aqueles com menos recursos econômicos e financeiros.

Apontam ainda que as evidências científicas apresentadas servem como orientação para a retomada das aulas no pós-pandemia. Sinalizam a possibilidade de perdas educacionais, porém que, a longo prazo, podem ser recuperadas por meio de intervenções de qualidade.

Os autores elencam, com base na literatura, opções para a retomada do ensino presencial, iniciando com o diagnóstico, por conseguinte, promovendo um “ensino estruturado, a utilização de métodos adequados de alfabetização, o uso estratégico dos deveres de casa e de programas de leitura”. (OLIVEIRA; GOMES; BARCELLOS, 2020, p. 566) A gestão do tempo é apontada como forma de reduzir o absenteísmo e aqueles que apresentam mais dificuldade seriam público-alvo de tutoria em pequenos grupos. Por fim, os autores sugerem que, para eventos como a pandemia, são necessárias políticas intensivas para a educação infantil e os primeiros anos escolares.

Discutir sobre as práticas educativas utilizadas em outros países, em situações análogas ao cenário de pandemia, permite apreciar o movimento da escolarização realizado na tentativa de reduzir os impactos do fechamento das escolas. Essa compreensão inspira a realização de mais pesquisas na busca de refletir e encontrar as alternativas mais viáveis para atingir o maior número de educandos, em cada realidade.

Os artigos encontrados representam como está a discussão sobre educação escolar em um cenário de pandemia da COVID-19, objeto deste trabalho. É importante considerar que a maioria dos artigos publicados e discutidos aqui estão relacionados às práticas pedagógicas e a formação docente necessária para enfrentar a pandemia e os impactos na escolarização dos estudantes.

3. CONCLUSÕES

O cenário atual de pandemia do novo coronavírus e a necessidade de isolamento para conter a disseminação fez com que medidas urgentes fossem tomadas, como o fechamento para atividades presenciais de escolas da rede pública e privada em todo o país. A adoção do ensino remoto emergencial tornou-se alternativa temporária para a retomada do processo de escolarização dos estudantes. E é nesse contexto que este trabalho se apresenta.

A investigação desenvolvida resultou na análise de 27 produções acadêmicas dentro do escopo do trabalho e seus pontos em comum serão apontados na sequência.

A princípio, constatou-se que a maioria dos artigos se propõe a responder, discutir e/ou reunir as práticas pedagógicas atuais e a formação docente na educação básica. Outro fator relevante é que a revista *Práxis Educativa* foi uma importante ferramenta para o contexto de divulgação dos estudos sobre educação, relativo à temática investigada, correspondendo a 11 publicações do total analisado.

Na busca por um repertório teórico comum entre essas publicações, pesquisamos os autores mais citados dentre as 27 produções e encontramos oito. O resultado aponta para contribuições de Paulo Freire e Lev Vygotsky, citados em 6 artigos, Michel Foucault, Alfredo Veiga-Neto e Ângela Scalabrin Coutinho e Byung-Chul Han, em 4 artigos e Hannah Arendt e Boaventura de Sousa Santos, em 3 artigos.

Dentre as inúmeras publicações de Paulo Freire, com foco na pedagogia crítica, observamos uma que se destaca, sendo citada recorrentemente: o livro *Educação como prática da liberdade*, da editora Paz e Terra, publicado em 1986.

Lev Vygotsky, com suas contribuições no campo da cultura, linguagem e relações sociais, tem sua obra, **A construção do pensamento e da linguagem**, da editora Martins Fontes, publicada em 2009, referenciada com certa frequência nos artigos pesquisados.

A obra, **Segurança, Território, População**, da editora Martins Fontes, publicada em 2008, é citada com maior frequência nos artigos em que os autores apresentam discussões do filósofo Michel Foucault para nortear o referencial teórico das publicações.

Acerca das contribuições de Alfredo Veiga-Neto não foram encontradas obras em comum nos artigos nos quais o autor é citado. Acrescentamos, portanto, que as temáticas abordadas estão no campo do trabalho e formação docente, das tecnologias, da inclusão e do currículo.

Ângela Scalabrin Coutinho é citada nos artigos em produções coletivas e individuais, principalmente a sua produção individual no capítulo **O corpo dos bebês como lugar do verbo**, do livro **Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**, organizado por Miguel Arroyo e Mauricio Silva, editora Vozes, publicado em 2012. Os assuntos centrais no quais a autora é referenciada perpassam a educação infantil.

As obras de Byung-Chul Han citadas com frequência foram o livro **A sociedade do cansaço**, publicado em 2014, pela editora Relógio D'água, o capítulo **La emergência viral y el mundo de mañana**, do livro **Sopa de Wuhan**, organizado por P. Amadeo, editorial ASPO, 2020 e o livro **Sociedade da transparência**, da editora Vozes, publicado em 2018.

Observamos que Boaventura de Sousa Santos, com sua obra **A cruel pedagogia do vírus**, é referenciado em três artigos pesquisados. Dentre outras publicações referenciadas nos artigos, o destaque é o livro, de Hannah Arendt, **A Condição Humana**, da editora Forense, publicado em 2011.

Considerando o aporte teórico comentado acima, é possível inferir que as 27 publicações resultantes da pesquisa sobre como se encontra a discussão a respeito da educação escolar, em tempos de pandemia, concentram-se em questões sobre pensar a educação no campo das mudanças do currículo, da filosofia, de uma pedagogia crítica e humana e da formação docente.

Ademais, é mister salientar que as referidas publicações não pretendem esgotar a discussão sobre a educação escolar, no contexto da pandemia do novo coronavírus. Apontam caminhos eficazes ou não, de acordo com pesquisas realizadas e experiências vividas em outros países e debates necessários para refletir sobre a ação e a formação docente no cotidiano doméstico, as mudanças no cotidiano da escola e dos estudantes e responsáveis, no período da pandemia e no pós-pandemia.

Nessa linha, o presente levantamento do estado da arte das publicações a respeito da educação escolar no cenário pandêmico não pretendeu dirimir dúvidas ou questionamentos, tampouco apontar estratégias eficazes ou soluções mágicas para conduzir a educação no formato do ensino remoto emergencial ou na retomada do ensino presencial. O presente estudo buscou compreender o estado atual da discussão acerca da educação escolar, na pandemia, considerando as publicações entre o período de 1º de março de 2020 até 09 de fevereiro de 2021, nas duas plataformas pesquisadas e, por conseguinte, tornar-se referencial para pesquisas futuras no campo da pedagogia.

4. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mairce da Silva; OLIVEIRA, Daniel Pereira de; TRINDADE, Regina Aparecida Correia; et al. A atualidade de Paulo Freire em tempos de pandemia: tecendo diálogos sobre os desafios da educação e do fazer docente. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, p. 1-20, 2021. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16610/209209213829> > Acesso em: 09 fev 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade. **Portaria nº 20.809**, de 14 de setembro de 2020. Brasília, 2020. Disponível em < <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-20.809-de-14-de-setembro-de-2020-277430324> > Acesso em 11 mar 2021.

BONOTTO, Renata; CORRÊA, Ygor; CARDOSO, Eduardo; MARTINS, Daianne Serafim. Oportunidades de aprendizagem com apoio da Comunicação Aumentativa e Alternativa em tempos de COVID-19. **Revista Ibero-americana de estudos em educação**, Araraquara, v. 15, n. 4, p. 1730-1749, out/dez 2020. Disponível em < <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13945/9550> > Acesso em: 09 fev 2021.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Um sentido para a experiência escolar em tempos de pandemia. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 1-13, jan 2021. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v45n4/2175-6236-edreal-45-04-e109144.pdf> > Acesso em: 09 fev 2021.

CASTRO, Mayara Alves de; VASCONCELOS, José Gerardo; ALVES, Maria Marly. Estamos em casa: narrativas do cotidiano remoto da educação infantil em tempo de pandemia. **Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, Fortaleza, v. 2, p. 1-17, jan 2020. Disponível em < <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3716/3283> > Acesso em: 09 fev 2021.

COSTA, Marcos Rogério Martins; SOUSA, Jonilto Costa. Educação a distância e Universidade Aberta do Brasil: reflexões e possibilidades para o futuro pós-pandemia. **Revista THEMA**, v. 18, n. especial, p. 124 - 135, jul 2020. Disponível em < <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1832/1535> > Acesso em: 09 fev 2021

COUTINHO, Ângela Scalabrin; CÔCO, Valdete. Educação infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-15, 2020. Disponível em <

<https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16266/209209213481> >
Acesso em 09 fev 2021.

FERREIRA, Luciana Haddad; BARBOSA, Andreza. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-24, 2020. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15483/209209213434> >
Acesso em: 09 fev 2021.

GATTI, Bernadete Angelina. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Revista Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 29-41, nov 2020. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/ea/v34n100/1806-9592-ea-34-100-29.pdf> > Acesso em: 09 fev 2021.

HONORATO, Tony; NERY, Ana Clara Bortoleto. História da educação e COVID-19. **Revista Acta Scientiarum. Education**, v. 42, 2020. Disponível em < <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/54998/751375150637> >
Acesso em: 09 fev 2021.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-9, 2020. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16212/209209213391> >
Acesso em: 09 fev 2021.

LOPES, Jayane Mara Rosendo; MEDEIROS FILHO, Antonio Evanildo Cardoso de. Experiências formativas através de diários de formação. **Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-18, maio 2020. Disponível em < <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3573/3159> > Acesso em: 09 fev 2021.

MINEIRO, Flavia Kaine Pereira Alves; NICOLETTI, Lucas Portilho; DUARTE, Rosangela. Formação inicial do docente em tempo de COVID-19. **Revista Ambiente: gestão e desenvolvimento**, v. 1, n. 1, p. 98-109, set 2020. Disponível em < <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/815/481> > Acesso em: 09 fev 2021.

MORGADO, José Carlos; SOUSA, Joana; PACHECO, José Augusto. Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-10, 2020. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16197/209209213385> >
Acesso em: 09 fev 2021.

NOZU, Washington Cesar Shoiti. KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Escolarização de crianças e adolescentes pantaneiros em tempos de COVID-19. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-21, 2020. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16193/209209213445> > Acesso em 09 fev 2021.

OLIVEIRA, Breyner Ricardo de; OLIVEIRA, Ana Cristina Prado de; JORGE, Gláucia Maria dos Santos; et al. Implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do Estado de Minas Gerais. **Revista Ibero-americana de estudos em educação, Araraquara**, v. 16, n. 1, p. 84-106, jan/mar 2021. Disponível em < <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13928/10307> > Acesso em: 09 fev 2021.

OLIVEIRA, João Batista Araújo; GOMES, Matheus; BARCELLOS, Thais. A COVID-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro**, v. 28, n. 108, p. 555-578, jul/set 2020. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v28n108/1809-4465-ensaio-28-108-0555.pdf> > Acesso em: 09 fev 2021.

PINHEIRO, Petrilson. Letramentos a distância (e na pós) pandemia. **Revista Linguagem em foco**, Fortaleza, v. 12, n. 2, set 2020. Disponível em < <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/3603/3086> > Acesso em: 09 fev 2021.

PLETSCH, Márcia Denise; MENDES, Geovana Mendonça Lunardi. Entre a espera e a urgência: propostas educacionais remotas para crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus durante a pandemia da COVID-19. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-16, 2020. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/17126/209209213775> > Acesso em: 09 fev 2021.

PONTES, Fernanda Rodrigues; ROSTA, Márcia Helena Sauaia Guimarães. Precarização do trabalho do docente e adoecimento. **Revista THEMA**, v. 18, p. 278-300, set 2020. Disponível em < <https://doaj.org/article/238202daa62f4901a57759a19eb371aa> > Acesso em 09 fev 2021.

SANTOS, Marcele da Silva; SANT'ANNA, Neide da Fonseca Parracho. Reflexões sobre os desafios para a aprendizagem matemática na educação básica durante a quarentena. **Revista Baiana de Educação Matemática**, v. 1, p 1-22, jan/dez 2020. Disponível em < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/baeducmatematica/article/view/10240> > Acesso em: 09 fev 2021.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-24, 2020. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289/209209213529> > Acesso em: 09 fev 2021.

SAVIANI, Demerval. Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavírus e educação - o desmonte da educação nacional. **Revista Exitus**, Santarém, v. 10, p. 1-25, 2020. Disponível em < <http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1463> > Acesso em: 09 fev 2021.

SHIMAZAKI, Elsa Midori; MENEGASSI, Renilson José; FELLINI, Dinéia Ghizzo Neto. Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-17, 2020. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15476/209209213432> > Acesso em: 09 fev 2021.

SOUZA, Flavia Faissal de; DAINEZ, Débora. Educação especial e inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 14, p. 1-15, 2020. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16303/209209213524> > Acesso em: 09 fev 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. Mais uma lição: sindemia covídica e educação. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 1-20, jan 2021. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v45n4/2175-6236-edreal-45-04-e109337.pdf> > Acesso em: 09 fev 2021.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. Ensino a distância, dificuldades presenciais: perspectivas em tempos de COVID-19. **Revista Ibero-americana de estudos em educação**, Araraquara, v. 15, n. 4, p. 1750-1768, out/dez 2020. Disponível em < <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13761/9551> > Acesso em: 09 fev 2021.

ZORDAN, Paola; ALMEIDA, Verônica Domingues. Parar pandêmico: educação e vida. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-18, 2020. Disponível em < <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15481/209209213435> > Acesso em: 09 fev 2021.